

O Livro dos Arrependimentos: Emblemas de Maria do Céu Diel

The Book of the Regrets: Emblems of Maria do Céu Diel

BRUNA PENNA MIBIELLI*

Artigo completo submetido a 18 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro de 2017

*Brasil, artista e pesquisadora. Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) / Brasil. Mestrado em fotografia pela Kunstuniversität Linz / Áustria.

AFILIAÇÃO: Universidade de Coimbra; Colégio das Artes. Colégio das Artes, Apartado 3066. 3001 — 401 Coimbra. E-mail: buarte@gmail.com

Resumo: O Livro dos Arrependimentos de Maria do Céu Diel convida a uma análise expandida no território das artes e apresenta imagens emblemáticas que questionam o espectador acerca dos seus próprios mitos de origem, influências poéticas e modos de viver. A esse material se somam outras obras sob a égide da criação originária, como O Livro Vermelho de C.G. Jung, *Emblemata* de Andreae Alciati, *Iconologia* or *Moral Emblems* de Caesar Ripa e *Atalanta Fugiens* de Michael Maier.

Palavras-chave: Emblemas / mitos de origem / gênese.

Abstract: *The Book of the Regrets* by Maria do Céu Diel invites to an expanded analysis in the art field and shows emblematic images that inquires the viewer about their own myths of origin, poetic influences and ways of living. To this material is added other works which come together under the aegis of the original creation like *The Red Book* of C.G. Jung, *Emblemata* by Andreae Alciati, *Iconologia* or *Moral Emblems* by Caesar Ripa and *Atalanta Fugiens* by Michael Maier.

Keywords: *Emblems / myths of origin / genesis.*

O Livro dos Arrependimentos, de Maria do Céu Diel, é uma obra gênese, que propõe definir um início, uma origem através de imagens emblemáticas. Um emblema é uma imagem pictórica que combina textos, símbolos e ícones para representar alegorias e conceitos, e, em sua configuração clássica, comumente, trazem um *motto* ou *inscriptio*, uma *pictura* ou imagem e um *subscriptio* ou epigrama. Entretanto, não é exatamente um emblema clássico que Diel produz. Ela trata, através de imagens, de uma maneira emblemática de ver o mundo e de se aproximar das experiências de vida — é verdadeiramente um dispositivo de visão e interpretação. O *Livro dos Arrependimentos* apresenta imagens que pairam no tempo, com uma certa vocação para um futuro debruçado no passado; arrependimentos da artista que remodelaram o seu próprio mito de origem e sua história.

Maria do Céu é artista e pesquisadora brasileira residente em Belo Horizonte. Trilhou seu percurso de formação acadêmica, prática artística e docência no sudeste brasileiro, sobretudo em São Paulo e Minas Gerais. Tem especial interesse pela cultura e arte italiana, o que faz dela uma artista viajante produtora de incontáveis livros de artista e cadernos de desenhos. Com mais de vinte anos de carreira, Diel deixa um magnífico legado de obras sobre papel, entre elas: séries de gravuras em metal, pinturas em têmpera, desenhos em nanquim e trabalha também recorrentemente com colagem.

As páginas de um antigo tratado sobre diagnóstico e tratamento da lepra abrigam agora a obra de Diel. As imagens que habitam as camadas inferiores são ilustrativas não só da chaga, mas de seres humanos que perderam sua dignidade mediante a condição de doente, pela forma como foram retratados. As fotos mostram a doença não pela mancha ou pelo tecido necrosado, mas por meio da imagem da pessoa. Sobre isso aparecem interferências; colagens de Maria do Céu Diel, que grita pela salvação daquelas almas. A *Commedia* de Dante aqui reverbera nas massas de escuridão, por entre detalhes de pinturas de Giotto, orelhas, por entre recortes de arquitetura, bisturis. Já não se sabe da lepra que havia por baixo, mas dela restam partes de corpos. As figuras dantes doentes agora lutam por sua nova forma — por vezes inicial, infantil, por outras, final, ou o próprio fim, a morte.

Folheando [O tratado de lepra] fiquei pensando como é que eu poderia contar uma outra história do mundo que não fosse uma história baseada em dor, sofrimento, sacrifício, culpa e sangue. Pensei em fazer uma gênese através das imagens. Um novo livro da criação em que tudo estaria ao contrário. Todas as noções que conhecemos, especialmente do velho testamento católico, estariam ao contrário. Por exemplo, esse aqui, [Mostrando a figura 1] é um detalhe do Massacre dos Inocentes do Tintoretto

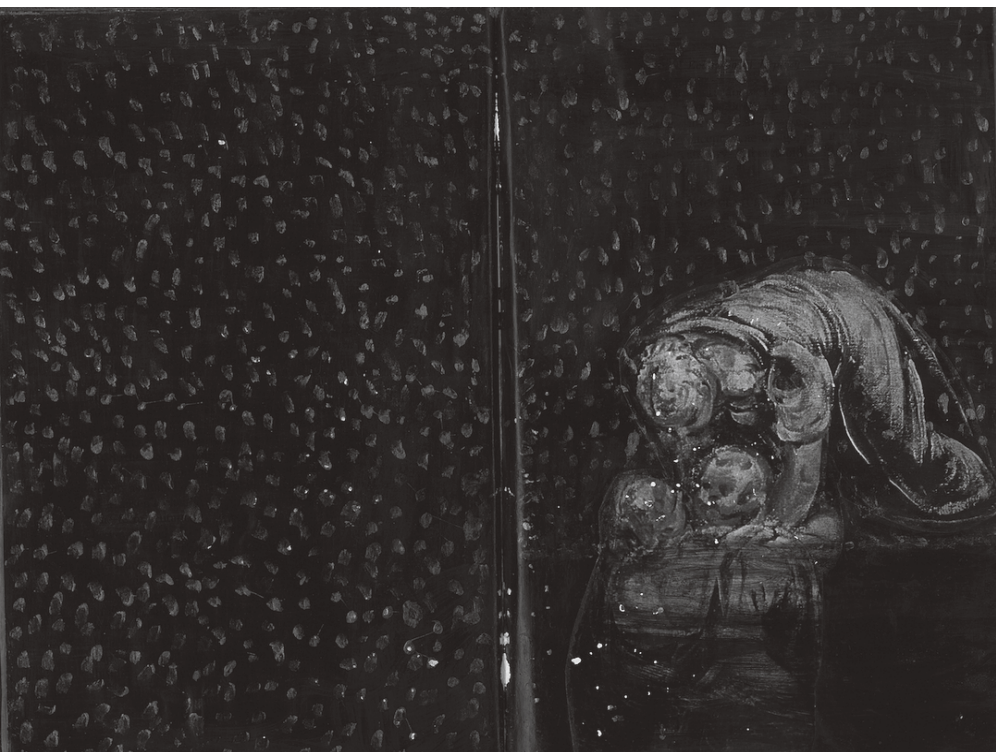


Figura 1 - Maria do Céu Diel. Página de *O Livro dos Arrependimentos* de Maria do Céu Diel. Fonte: Cortesia da artista.

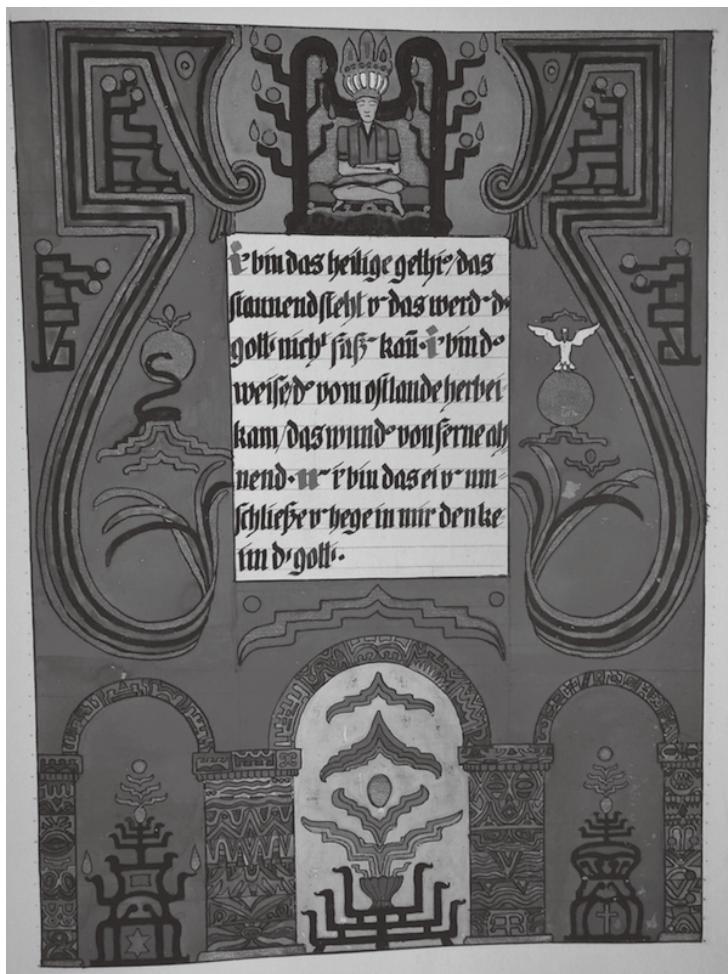


Figura 2 · Maria do Céu Diel. Página de *O Livro Vermelho*.

— para mim é um dos episódios mais terríveis do velho testamento. Aquele que o Herodes manda matar todas as crianças abaixo de dois anos. — Fico sempre pensando nesse Deus que manda o filho para a morte... Que Pai é esse que manda o filho para a morte? E que Pai é esse deixa as crianças nascerem? Então pensei em fazer uma constelação como se elas estivessem nascendo ainda da constelação e não morrendo aqui, mas nascendo em um local de inteligência, um local onde o amor realmente importa. (Diel, comunicação pessoal, 2016)

Uma obra que se assemelha a *O Livro dos Arrependimentos* é *O Livro Vermelho* ou *Liber Novus* de C. G. Jung. Para além da apresentação livresca, ambas as obras estão ligadas à ideia da negação de um deus preexistente e à reformulação originária. Elas também movem uma grande força vital, reconstróem os elos imagéticos, desmancham hierarquias, criam novos *locus/loci* de um viver imaginário e, por conseguinte, de um viver real. Jung e Diel acreditam que por meio das imagens podem “dar à luz o próprio pai” (Kierkegaard em (BLOOM, 1991, p. 70)) e desconstruir tudo aquilo em que outrora acreditaram. O excerto a seguir é uma transcrição do texto da figura 2 de *O Livro Vermelho* e mostra os pensamentos de Jung enquanto gerava seu próprio Deus em um ovo.

Eu sou o animal santo que ficou espantado e não compreendeu o devir do Deus. Eu sou o homem sábio que veio do Oriente, suspeitando do milagre de longe. E eu sou o ovo que envolve e nutre a semente do Deus em mim. (JUNG, 2009, p. 284) [Tradução livre de minha autoria]

Uma figura embrionária também aparece no livro de Maria do Céu Diel (Figura 3). Gera ela também seu próprio Deus? Talvez. Entretanto, parece ser assim que Jung e Diel sobrevivem a dias atormentados e dão uma resposta à sociedade. É preciso pensar no que tudo isso implica. Dar à luz o próprio pai quer dizer negar os predecessores, seus ideais e também o mundo que foi até então construído sobre tais fundações. Isso implica, sobretudo, em reconhecer a presença desse pai e as angústias que ele porventura gerou. A coleção de imagens dos dois livros ilumina a sabedoria adquirida pelos autores/artistas em uma longa caminhada de vida; reflexos de uma busca intensa de experiências do mundo imaginário e da realidade. Portanto, ainda que negando as suas referências originais, não se trata de um passo rumo ao desconhecido, mas, ao contrário, significa tomar consciência de si e trabalhar naquilo que se acredita ser a verdade.

Textos do manuscrito de Jung esclarecem ou completam imagens de Diel e, por sua vez, essas últimas são colagens imaginárias sobre as pinturas de Jung. Os dois livros se confundem no território do fantástico e as arquiteturas da

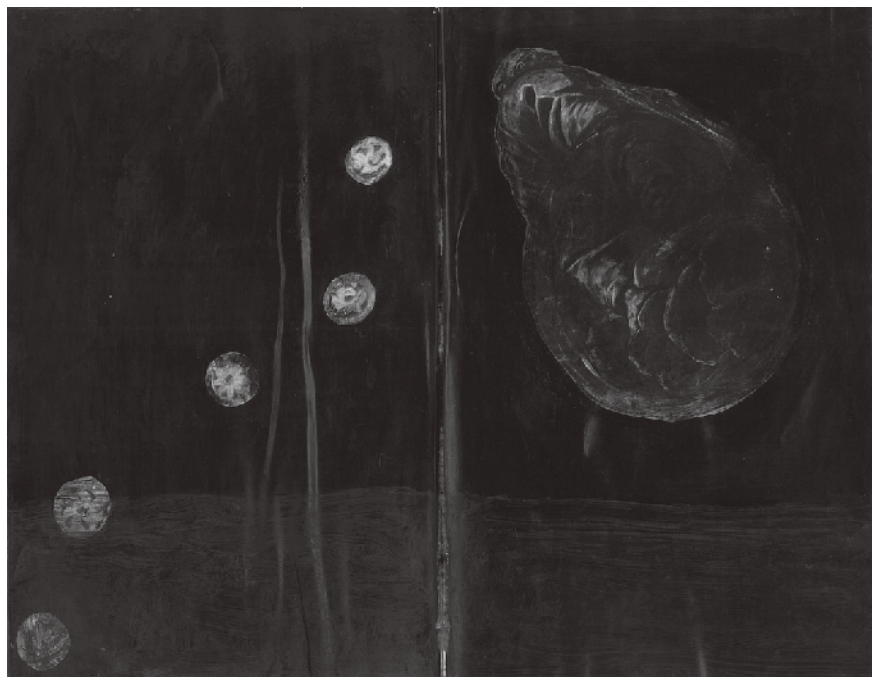


Figura 3 · Página de *O Livro dos Arrependimentos*. Fonte: Jung, (2009) Maria do Céu Diel. Fonte: Cortesia da artista.

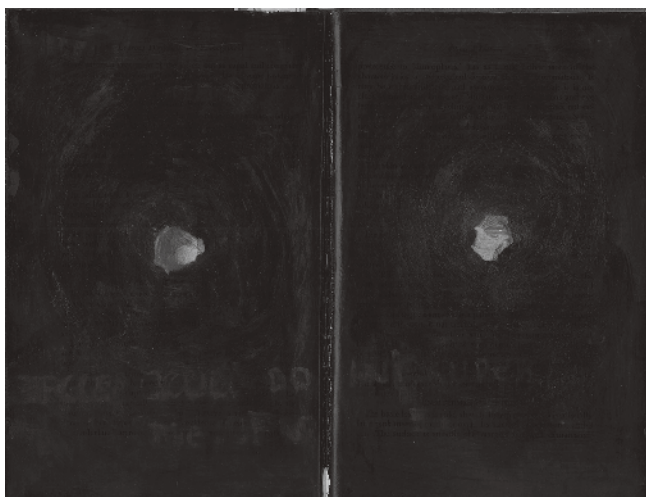


Figura 4 · Pictura do emblema 2o — *Nutrix ejus terra est* do livro *Atalanta Fugiens*. Fonte: (MAIER, 2015).

Figura 5 · Maria do Céu Diel. Página de *O Livro dos Arrependimentos*. Fonte: Cortesia da artista.

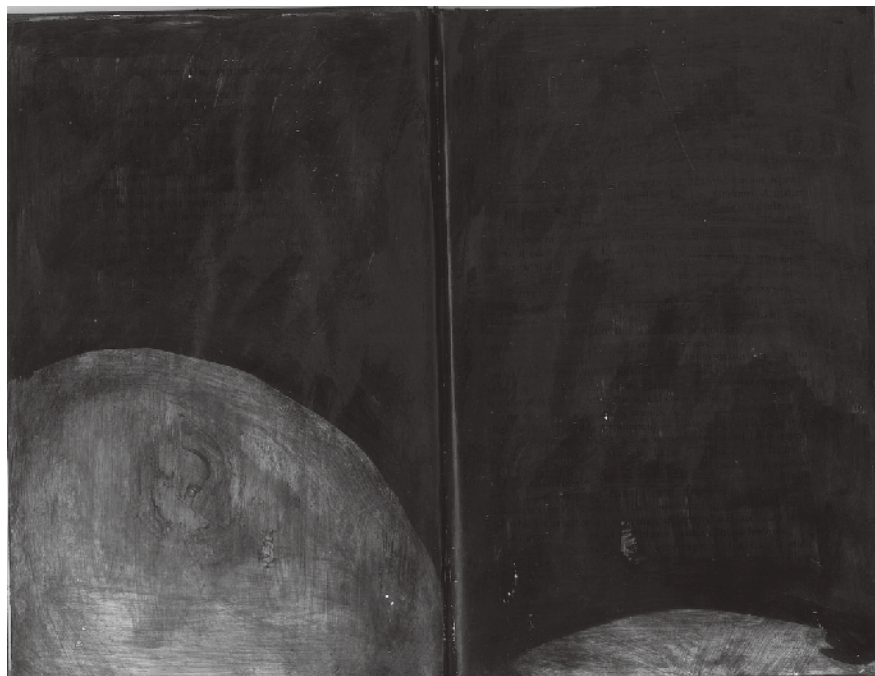


Figura 6 · Maria do Céu Diel. Página de *O Livro dos Arrependimentos*. Fonte: Cortesia da artista.

memória tornam-se uma única cidade. Portanto, o que aqui se apresenta é um artigo visual, uma possibilidade de ver e imaginar imagens como em um painel Warburgiano.

Frente a *O Livro dos Arrependimentos*, faz-se necessária uma interpretação que extrapola o conteúdo exposto, pois requer, a todo instante, uma interação por parte do espectador, que não pode só admirar passivamente. Nesse diálogo ocorre uma sobreposição de imagens, como se a obra fosse uma caixa de espelhos enviesados em que cada pessoa brinca com os reflexos da sua própria imagem. A arte muitas vezes atua como *imago agens* — conceito fundado pela arte da memória nos estudos de retórica da antiguidade que designa imagens agentes, que são capazes de provocar e evocar em cada espectador, a busca por novas imagens relacionadas. Isto é precisamente o que os livros de Jung e Diel projetam no espectador: movimentos no tempo — do passado a roer o futuro e de um presente eternamente fugaz.

As imagens apresentadas nesse artigo estruturam a *tessera* da criação originária, (termo que designa um mosaico e que foi trabalhado amplamente por H. Bloom na literatura como um possível mosaico de influências) um elencado de relações entre artistas fortes que vêm revelar o mundo das imagens. A *tessera* é inevitável pois ela é a fundação do pensamento acadêmico, que se inunda, a todo instante, de influências e prova a existência do agora baseado nos autores fortes do passado. É, de fato angustiante, quando se pretende fazer qualquer coisa original, diz Eckermann:

Toda a gente fala de originalidade, mas o que quer isso dizer? Mal nascemos, o mundo começa a influenciar-nos, e assim continua até que morremos. E, de qualquer modo, que podemos chamar nosso a não ser a energia, a força, a vontade?
(BLOOM, 1991, p. 66)

As colagens alquímicas de Diel remetem-nos à *Emblemata*, de Andreae Alciati; à *Iconologia*, de Caesar Ripa; à *Atalanta Fugiens*, de Michael Maier — célebres autores de emblemas que acreditavam mostrar em seus tratados inúmeras possibilidades do comportamento humano, uma enciclopédia do viver. A obra de Diel (não só *O Livro dos Arrependimentos*, mas também a série *Entremundos*, *Tarots*, os livros de artista, gravuras e desenhos) atua dessa mesma forma, pois mostra a civilização atormentada, seus vícios e vicissitudes.

O emblema de Michael Maier (Figura 4) traz por título *Nutrix ejus terra est*. (A Terra é a sua enfermeira). A imagem mostra a figura de uma mulher transformada em Terra que amamenta seu filho. Perto dela vemos fêmeas de animais amamentando também crianças. O discurso que sucede essa imagem ilumina

uma outra teoria acerca das influências. Maier coloca que, na natureza, uma mãe, para gerar um filho em seu ventre, precisa de calor, nutrição, movimento e repouso, assim como um ovo necessita das mesmas coisas. Depois do nascimento o natural é que a mãe nutra o seu filho com seu leite e que o infante cresça e se fortaleça nessa relação. O trabalho de um filósofo se dá também dessa mesma forma natural, pois precisa ter as sementes unidas em um invólucro, como quem reúne as referências originárias de seu pensamento.

E assim como um pai, mãe ou mesmo uma enfermeira (cuidadora) lhe são atribuídos por meio da semelhança, ainda não seria mais artificial do que a geração de qualquer outro animal. (MAIER, n.d. p. 7 e 8) [Tradução livre de minha autoria]

Está claro que para Maier as influências não são, portanto, motivos de angústias, como o é para Bloom, mas são, por sua vez, a nutrição. Como o leite da mãe não faz qualquer mal para seu filho, os predecessores oferecem os nutrientes e o calor aos sucessores e carregam como pais e mães, os seus filhos.

Em *O Livro Vermelho* há uma extensa série de ilustrações que retratam um cuidado “maternal” de Jung com a criação. Vê-se um ovo que está sendo aquecido pelo fogo, acalentado pelo dragão que o choca e o protege. Toda a força de Jung está dentro desse ovo, está no ser que é ali gerado, que por vezes aparenta ser o Deus, noutras a própria criatura. Não se sabe ao certo se Jung está criando ali algo exterior a ele ou recriando a si próprio.

Duas fontes de luz e calor são matéria para a geração na obra de Diel (Figura 5). O embrião começa a se desenvolver, a se nutrir de tudo que há em volta, produzindo luz e cor (Figura 6). Não é sabido, porém, o seu contorno final. Massas se juntam, constituem corpos (Figura 7) e o criador tenta pôr mais fogo e ditar forma à criação, como vê-se no emblema de Maier na figura 9. O criador ali aponta sua espada em chamas, lança um golpe sobre o ovo. Não é para matá-lo, mas para tirar-lhe a configuração original e abri-lo, segmentando-o em dois, originando as pernas. O golpe é como o parto, tira o invólucro e permite a criação nascer e crescer. Na figura 8 a criatura e o criador aparecem na obra de Diel. A mãe reconhece o filho, amamenta-o, assim como faria o pai poético; abraça e acolhe a cria em um manto azul-escuro, preto-fosco com fagulhas cintilantes.

A senhora do emblema da figura 10 é a Cosmografia, elaborada por Caesar Ripa. O emblema mostra o domínio que a senhora exerce sobre as duas esferas essenciais da criação: A celestial e a terrestre. A celestial está representada no globo ao seu pé esquerdo e a terrestre no outro globo ao pé direito. Vê-se algo de similar na obra de Diel (Figura 11). Na página da direita, uma esfera de tom frio

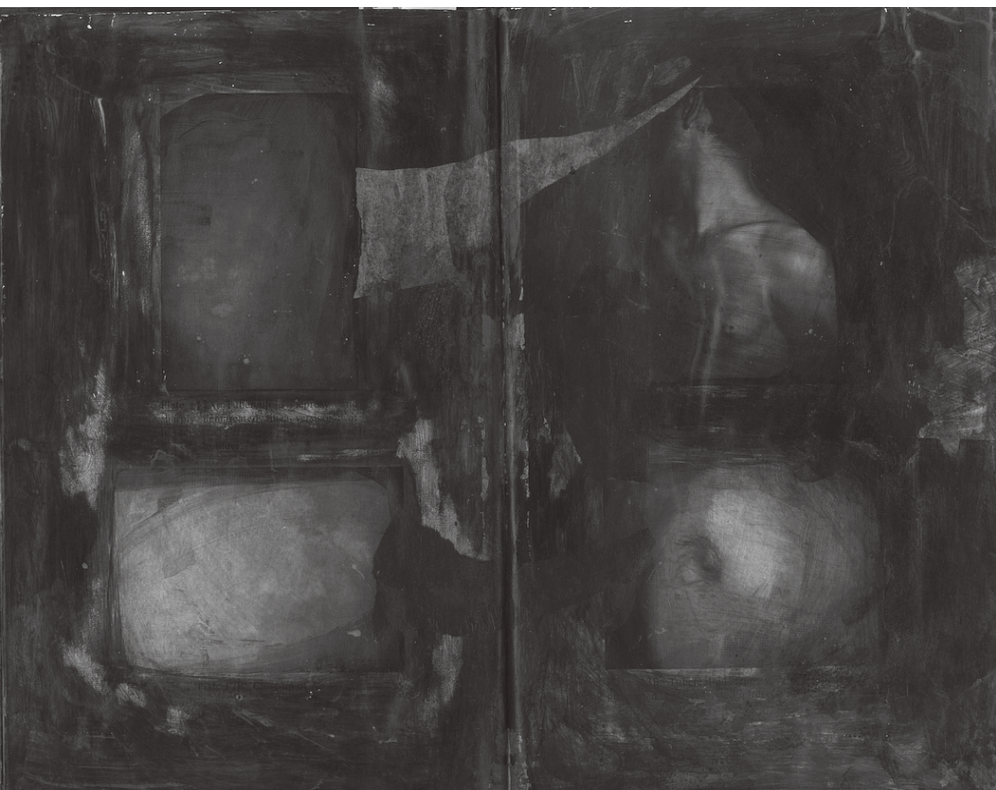


Figura 7 · Maria do Céu Diel. Página de *O Livro dos Arrependimentos*. Fonte: Cortesia da artista.

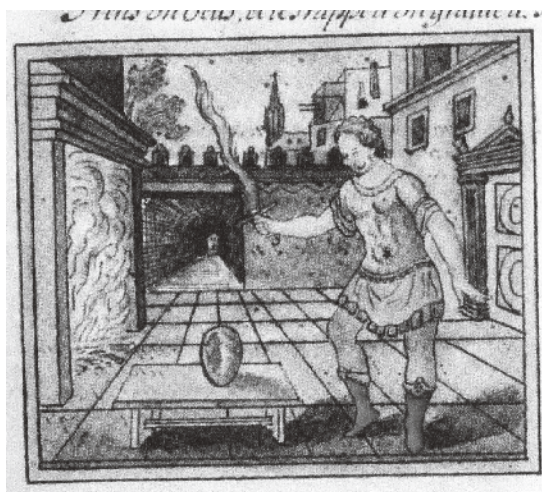
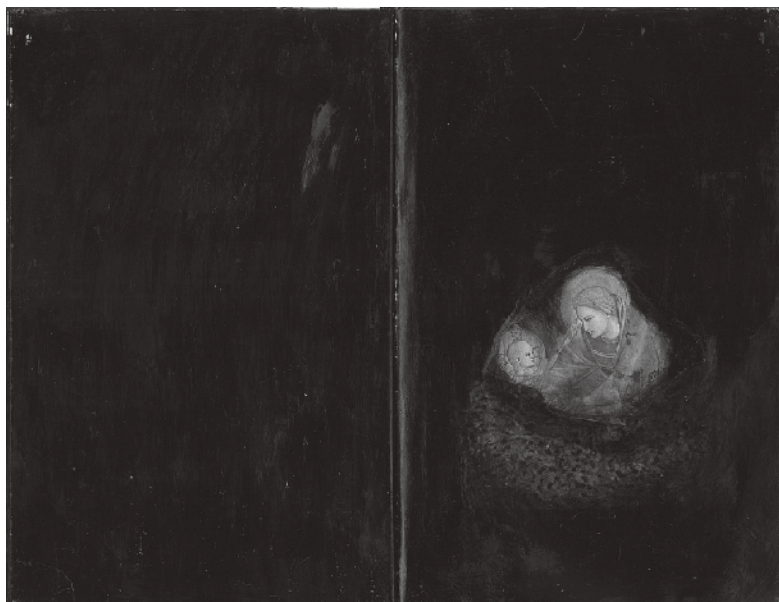


Figura 8 · Maria do Céu Diel. Página de *O Livro dos Arrependimentos*. Fonte: Cortesia da artista.

Figura 9 · Pictura do emblema 8o — *Accipe ovum & igneo percute gladio* do livro *Atalanta Fugiens*. Fonte: Maier, 2015.



Figura 10 - Pictura do emblema *Cosmography* Fonte: Ripa (1709). Do livro *Iconologia or Moral Emblems*.

Figura 11 - Maria do Céu Diel. Página de *O Livro dos Arrependimentos*. Fonte: Cortesia da artista.

está sendo preenchida por água enquanto a de tom quente parece conter pó, talvez terra. A dicotomia perpassa as páginas de *O Livro dos arrependimentos*, no qual aparece ora céu, ora terra, sagrado e profano, corpo e alma. Na página da esquerda, portas e janelas negras formam um paço, uma coluna de mármore sustenta a arquitetura singular que balança com vento. A artista cria sempre lugares para os acontecimentos, assim como na arte da memória. É o conhecimento dos *loci* da memória que vem da retórica antiga e adentra a arte.

O Livro dos Arrependimentos borra os limites do pensar e do fazer na arte.

Eu tento contar uma gênese da arte mostrando através das imagens um pouco de crítica em relação a como fomos levados, tanto pelas ciências como pelas artes, a desacreditar na própria arte e desacreditar no fazer, na técnica, nas relações da arte com as outras coisas. Quando faço colagem ou gravura, crio um emblema. O emblema é uma decifração por conta do contemplador. Esse livro faz parte de algo que faço na minha vida que é enxergar o mundo emblematicamente. (DIEL, 2016)

O exercício de ver emblemas é desafiador em uma geração como a nossa em que a imagem é tão controlada, modificada, construída e moldada pelo poder. O consumo de imagens se dá em uma velocidade absurda e tudo parece descartável. A vivência efetiva dos desafios da vida se dilui no mundo digital e tecnológico. As obras de Maria do Céu Diel propõem algo diverso; elas demandam tempo, um olhar pausado e curioso que penetra camadas, que abre cortinas na imagem e na própria mente. Portanto, *O Livro dos Arrependimentos* inaugura um dispositivo de visão e faz com que cada um de nós perceba que não só é capaz de gerar o próprio pai, mas, considerando a formação filosófica e artística, é também capaz de gerar a si mesmo.

Referências

- Alciati, A., (1549). *Emblemata*. Lyon: Gvillielmo Rouillio Librero.
- Bloom, H., (1991). *A Angústia da Influência*. ISBN 9729013810. 2a. ed. Lisboa: Cotovia.
- Diel, M. d. C., (n.d.) *Página da artista*. [Consult. 2016-12-13] Disponível em URL <https://mariadoceu.wordpress.com>
- Jung, C., (2009). *The Red Book_Liber Novus*. ISBN 0393065677. 1a. ed. Nova Iorque, Londres: W.W.Norton & Company.
- Maier, M., (2015). *Atalanta Fugiens*. ISBN 9781507855546 1a. ed. Leipzig: Palatino Press.
- Maier, M., (n.d). *Atalanta Fugiens, versão de V.H. Frater I.* [em linha] Disponível em URL <http://files.vociety.net> [Accessed 03 12 2016].
- Ripa, C., (1709). *Iconologia or Moral Emblems*. Londres: Benj. Motte.

Agradecimentos

Bruna Mibielli é pesquisadora a nível de Doutorado (BEX 99999.001140/2015-09), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.